

GERD

Vinícius Bandera (USP)¹

Hoje, 6 de setembro de 2002, não haverá aula por que o professor Gerd Bornheim morreu. O cartaz ainda informava que o corpo iria ser velado no Cemitério do Caju, entre 11 e 16 horas, após o que, então, seria sepultado. E era uma sexta-feira.

A morte parece ser uma coisa tão simples que um simples cartaz dá conta de traduzi-la. Ali, naquelas poucas palavras, estava expresso o fim de uma vida. O cartaz não trazia nenhum pesar, não indicava nenhum preito. Parecia que quem o elaborou não gostava do professor Gerd ou já houvera morrido também, daí a frieza de seus termos.

Não haver aula em uma sexta-feira. Poder emendar este dia com o sábado e o domingo. Como fora generoso o professor Gerd por ter morrido na quinta, possibilitando a que o enterrassem na sexta. Parecia até que houvera premeditado a sua morte em dia tão propício aos alunos. Mas não o fizera, pois viver era uma das coisas que mais gostava de fazer, além de filosofar e dar aulas. Se se tratasse de um suicídio, talvez tivesse escolhido a quinta, com o objetivo de estender o fim-de-semana dos alunos. Mas ele se foi contra a própria vontade, assim como vai quase todo mundo. Foi sem poder dizer não, sem poder convencer a morte de não ir. Esta não lhe concedeu uma chance para ele demonstrar que ainda poderia viver mais algum tempo, sendo útil à humanidade. A morte quando decide levar alguém não leva em conta os planos de ninguém. É irreduzível. Escolhe esse e aquele, mais alguns outros, muitos de uma só vez, às vezes, não importa se querem ir ou não, quase ninguém quer, porém há quem não deixe de querer, esses não esperam pela morte, vão por conta e vontade próprias (será?); não iriam de qualquer maneira? O professor Gerd aparentava que não queria ir e que ia durar mais alguns anos. Quem o ouvia falar com tamanha serenidade, não poderia supor que ali, do seu lado (ou não), a morte o comprazia, talvez. De tão astuta e traiçoeira, ela, não raramente, traveste-se de vida, para, assim, ludibriar os incautos; todos os que ainda não morreram, sobre os que morreram, nada se sabe, que se saiba por viés material. E há quem não perceba que a morte está escondida na vida – ela é a vida e a vida é a morte, ambos seres, sem não-seres, uma relação intrínseca na qual a dialética não

¹ Pós-doutorado História Social (USP). Doutorado Sociologia (UFRJ). Mestrado Ciência Política (UNICAMP). E-mail: viniciusbandera@gmail.com.

funciona –, inflando-a, para, inopinadamente, ou não, fazer tudo cessar. Por vezes, o professor Gerd andava pelo corredor como alguém que já houvera morrido. Da mesma maneira, sentava-se em um banco em frente à lanchonete. Seu olhar de sábio parecia dialogar com a morte, tentando persuadi-la a ser paciente, a esperar mais um pouco. Tinha base para a retórica com a morte, pois havia muito tempo tornara-se doutor em Filosofia. Uma coisa é argumentar com os alunos e convencê-los ou não, outra coisa é fazer o mesmo com a morte. Os alunos são racionais; a morte o é? Talvez nisso residisse a dificuldade maior do professor Gerd em tentar convencê-la de que precisava mais algum tempo para viver. Tinha que escrever mais alguns livros e oferecer mais alguns cursos. O problema é que a morte parece ter razões que a própria razão desconhece. Provavelmente razões superiores, ou talvez inferiores. Ela não é gente, como entender-nos? Nós não somos a morte, como entendê-la? Ela não precisa nos entender. Por acaso uma criancinha procura entender uma formiga quando a pega com os dedos e a esfrega até transformá-la em nada? Muitas vezes, uma formiga dessas, cheia de vontade de viver, é um pai de família ou uma mãe de família, com uma prole esperando-a em casa para sobreviver. Não seria a morte uma criancinha? De certo ponto de vista, uma criancinha ainda é um ser irracional. Pode jogar um gatinho na privada, dar descarga e achar muito engraçado e inteligente o que fez. Mas a criancinha evolui a ponto de praticar outros tipos de males: males racionais. E também bens: bens racionais. Há tanta gente grande que parece ser tão irracional quanto a morte. Hitler teria sido um tipo assim? As pessoas que matam outras em série, sem nenhum motivo aparente, não são também tão irracionais quanto a morte? Então a morte é irracional? Ela mata por matar? Ela mata aleatoriamente até atingir toda a humanidade? Ou tem um imenso arquivo com os dados de cada pessoa (e outros tipos de seres vivos ou viventes, o que não nos cabe tentar diferenciar agora, talvez não o conseguíssemos fazer; no entanto lançamos esse desafio) e o dia e a hora de levá-la? Neste caso, a morte é racional e cada qual só vai no dia e hora aprazados, não adianta querer antecipar nem procrastinar. Então ninguém mata ninguém. Só quem o faz é a morte. Alexandre, César, Napoleão, Hitler, Stálin e todos os assassinos, vocês são inocentes, não mataram ninguém, quem matou foi a morte. Os que morreram iriam morrer de qualquer forma. Segundo tal raciocínio, as guerras são inventadas por que a morte precisa matar muita gente ao mesmo tempo. Há um excesso de condenados para um certo momento histórico. Racionalmente, a morte irracional inventa uma guerra, ou um terremoto, uma tempestade... Algo que possa matar em grande escala, para não ter o trabalho de matar um por um os muitos a serem mortos em um dado dia, semana, mês ou ano. A morte teria trabalho em matar por atacado? Ninguém saberia informar isto com precisão. Especulações há que ela nem existe como causa, mas somente como efeito. Ou seja, quem existe é o morto, não a morte. A morte não é um ser, é um não-ser. A vida é um ser, fazendo com que o morto tenha sido um ser, o ser que morreu. Só quem é, é que deixa de ser. A morte não é, por isso não deixa de ser, sempre será, até um dia, até talvez, até quem sabe... isto contraria todo o raciocínio que vínhamos desenvolvendo sobre a morte. Ela não sendo não pode ter matado o professor Gerd. A morte então é inocente. Nunca matou ninguém. Ela não é. Não é morte nem é vida. É nada. O nada de que ninguém gosta. Pobre morte. Você nem ao menos pode morrer, porque não tem vida. Infeliz de quem tem vida, porque terá que morrer.